



Um nariz quebrado é um fato ou só uma interpretação?

02/04/2026

Há uns 20 anos, em um congresso daqueles grandes (bons tempos), estava eu na primeira fila esperando minha vez de fazer a conferência e ouvi um jovem pulando no palco, dizendo em uma imitação aos pastores pentecostais: “Não há verdade; tudo é relativo”. Ele vestia se enquadrava no kit carreira jurídica (terno Hugo Boss e Audy A4). Recém fizera mestrado em um de tantos mestrados espalhados em Pindorama.

Foi aplaudido freneticamente. No final de sua vibrante fala, ainda declamou parte do poema de Camoamor: “*En este mundo traidor/nada es verdad ni mentira/todo es según el color/del cristal con que se mira*”. Bingo. Fecho de ouro.

Quando iniciei minha conferência, disse: “*Não acreditem em nada do que o jovem falou. Afinal, se tudo é relativo, se não há verdades, isso tudo que ele acabou de dizer não é verdade. Se não é verdade, é mentira. Logo, ele é um mentiroso*”. Calou fundo. Poucos entenderam.

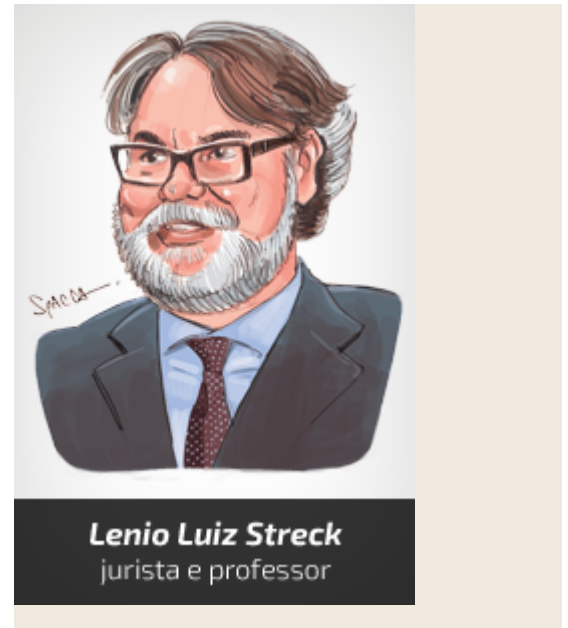
Expliquei, então, por meio de um pequeno escorço histórico, o caminho dos gregos até nossos dias. Do Crátilo até Gadamer. Se quer dizer algo sobre um texto (evento), deixe primeiro que o texto lhe diga algo”. Eis o resumo. O restante desta coluna ajudará a entender o que quis e quero dizer.

Umberto Eco sempre foi um ferrenho crítico do relativismo, **o que me faz gostar ainda mais de suas obras**. Lembro que em 1984 passei um semestre todo esmiuçando *O Nome da Rosa*, no seminário de Teoria do Direito ministrado por Luiz Alberto Warat (no mês passado visitei a Abadia de Melk, na Áustria, de onde saiu o personagem Adso). Bons tempos aqueles. Lia-se livros e havia tempo para discutir. Sentávamo-nos ao sol no inverno...lendo livros.

Sigo com Eco. Em vários livros e textos isso aparece claramente. Na obra mais recente, publicada em 2019 (post-mortem), *Crônicas de Uma Sociedade Líquida*, Eco pergunta: *O que quer dizer “relativismo”?*

Spacca

- Que nossas representações do mundo não esgotam sua complexidade, mas são sempre visões perspectivas, contendo cada uma um germe de verdade? E responde: existiram e existem filósofos cristãos que sustentaram esta tese.
- Que estas representações não devem ser julgadas em termos de verdade, mas em termos de correspondência a exigências histórico-culturais? Eco responde: é o que sustenta, por exemplo, um filósofo como Rorty em sua versão do “pragmatismo”.
- Que aquilo que conhecemos é relativo ao modo como o sujeito o conhece? E diz Eco: estamos, com isso, no velho e caro kantismo.
- Que qualquer proposição só é verdadeira no interior de um dado paradigma? Chama-se “holismo”, diz.
- Que os valores éticos são relativos às culturas? Isso começou a ser descoberto no século 17.
- Que não existem fatos, apenas interpretações? É o que dizia Nietzsche.
- Pensamos na ideia de que, se não existe Deus, tudo é permitido? Estamos no niilismo dostoievskiano.



Mas deveria ficar claro, segue Eco, que, se alguém é relativista no sentido kantiano, não o é no sentido dostoievskiano (o bom Kant acreditava em Deus e no dever); o relativismo nietzschiano tem pouco a ver com o relativismo da antropologia cultural, pois o primeiro não acredita nos fatos e o segundo não duvida deles; o holismo à moda de Quine é firmemente ancorado num sadio empirismo, que deposita grande confiança nos estímulos que recebemos do ambiente e assim por diante.

Em suma, parece que o termo “relativismo” pode se referir a formas de pensamento moderno muitas vezes opostos entre si e algumas vezes são considerados relativistas pensadores solidamente ancorados a um profundo realismo e se diz “relativismo” com o ardor polêmico com o qual os jesuítas oitocentistas se referiam ao “veneno kantiano”. Mas se tudo isso é relativismo, então só existem duas filosofias que escapam completamente desta acusação e seriam um neotomismo radical e a teoria do conhecimento no Lenin de *Materialismo e empiriocriticismo*. Estranha aliança, conclui Eco.

Em outro texto, Eco resume a temática fazendo três afirmações muito diferentes entre si:

*não existem fatos, apenas interpretações;
conhecemos todos os fatos por meio de nossa interpretação;
a presença dos fatos é demonstrada pelo fato de que algumas interpretações realmente não funcionam e, portanto, deve existir alguma coisa que nos obriga a descartá-las.*

O relativismo radical só se manifesta quando se aceita a afirmação número (i) — para a qual, digam o que disserem, Nietzsche se inclinava perigosamente. Quem, ao contrário, aceita a afirmação número (ii) diz uma coisa óbvia. É natural que, ao ver uma luz no fundo de um gramado, à noite, preciso realizar um esforço interpretativo para decidir se é um vaga-lume, o brilho de uma janela distante, de um sujeito acendendo um cigarro ou até de um fogo-fátuo e assim por diante. Mas, e aqui vai o enunciado III, se por acaso resolver que se trata de um vaga-lume a dez metros de distância e vá até lá para tentar pegá-lo, descobrindo ao chegar ao fim do gramado que, por mais que siga adiante, a luz permanece distante, sou obrigado a descartar a interpretação “vaga-lume” como equivocada (talvez me incline para a luz distante, mas depende). Em todo caso, estou diante de uma coisa que é independente da minha interpretação e a torna insustentável. **Este algo que desafia minha interpretação é o que chamo de “fato”.**

E encerra: os fatos são aquelas coisas que resistem às minhas interpretações. As ideias sobre os fatos não dizem respeito apenas à natureza, mas também aos textos. Os fatos são aquelas coisas que, assim que os interpretamos de modo equivocado, **dizem-nos que não iremos adiante se insistirmos nesse caminho**. Como definição dos fatos, esta pode descontentar muita gente, no entanto, os filósofos e também os cientistas procedem desta maneira. Quando se trata de ir à Lua, a interpretação de Galileu funciona melhor que a de Ptolomeu.

Sempre tenho trazido essa discussão para o direito. Há um conjunto de teses relativistas que povoam o imaginário jurídico. É a tese mais fácil. Descompromissada. As formas de relativismo são tentações irresistíveis. Por vezes, o jurista tenta disfarçar o relativismo dizendo “não acredito em verdade absoluta, só acredito em verdade relativa”. O que seria isso? O que seria o livre convencimento nesse cenário? O motivado, que vem depois de que o convencimento já esteja “feito”, não seria apenas um adereço, um discurso justificador do “decido e depois fundamento”, problemática que está muito forte na era dos prompts. Dá-se um prompt e a IA encontra a justificativa.

Eis minha homenagem ao grande Umberto Eco. Meu preferido é o *O Nome da Rosa*; mas tem Kant e o Ornitorrinco. E o que dizer de *Nos Ombros de um Gigante*? Neste último Eco volta a “brincar” com o conceito de “nada” e “niilismo”, que ele chama de hermenêutica selvagem. **Se só existem interpretações, Nietzsche não seria ele mesmo, só uma interpretação?**

Se você tiver convicção de que aquela parede tem uma porta (você desenhou-a) e pode atravessá-la, experimente. **Seu nariz quebrado será apenas uma interpretação?**

É simples. Se a verdade é relativa, a própria frase “a verdade é relativa” é, também ela, relativa. E eu posso optar por continuar sendo um antirrelativista radical, sem dar a essa frase a mínima importância.

Dito de outro modo, o relativismo é como o Barão de Münchhausen ao contrário. É como, já se disse por aí, o lenhador que corta o galho no qual estava sentado. Será que o tombo dele é relativo? Pois é. Ninguém sustenta o relativismo num hospital. Simples assim. E complexo.

Meu novo livro tratará de tudo isso. Está em fase de “tirando as bordinhas”.



Quanto ao jovem que dizia que tudo era relativo e que não havia fatos (e tudo é conforme o cristal com que se olha), nunca mais ouvi falar. Eco perguntaria: seria ele apenas uma interpretação?

Feliz Páscoa!

Fonte: <https://conjur.jumps.com.br/2026-abr-02/um-nariz-quebrado-e-um-fato-ou-so-uma-interpretacao/>